

# Planalto prepara base de apoio no Congresso

MARIA LIMA

Em final de governo, até o contínuo se nega a servir cafezinho no gabinete.

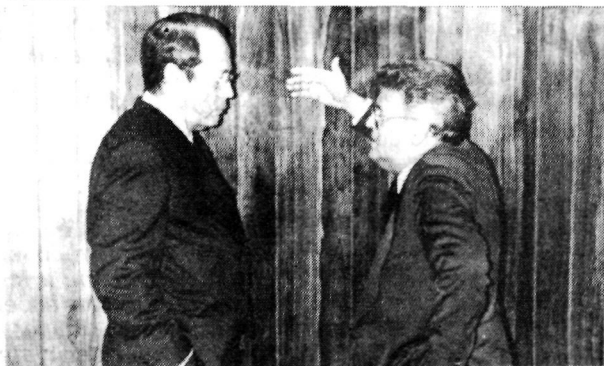
É claro que o líder do PSB no Senado, Jamil Haddad (RJ), exagerou um pouco ao compor o quadro que retrata hoje as dificuldades do presidente José Sarney e o esvaziamento gradual que sofrerá daqui pra frente, até a realização das eleições presidenciais. Mesmo por que, como diz o ex-deputado e presidenteável Nelson Marchezan, "quem tem o poder presidencial e a caneta na mão, sempre tem uma certa força". A verdade é que, com ou sem o poder da caneta, o presidente José Sarney enfrentará problemas para a montagem de uma base de apoio parlamentar no próximo ano, como reconhecem os "fiéis" Edison Lobão (PFL/MA), Alvaro Pacheco (PFL/PI) ou o próprio Carlos Sant'Anna, líder do governo na Câmara. Esse tem sido um dos principais esforços do assessor parlamentar do Gabinete Civil, Henrique Hargreaves.

Neste período pós-eleitoral em que os resultados das urnas transformaram o Presidente na figura mais repelida do meio político, Sarney tem se mostrado amargurado aos amigos mais próximos. "Ele se magoa sobretudo com o comportamento de pessoas como o senador Carlos Chiarelli, que sempre estiveram ao seu lado, pedindo coisas, e hoje se acham no direito de lhe jogar pedras", revela o senador Alvaro Pacheco.

Numa situação em que até fortes aliados como os governadores estão procurando se desvincular do Governo na tentativa de melhorar a imagem perante o eleitorado — e a crise surgida com a questão do pagamento da dívida externa dos estados serviu como pretexto —, fica previsível a imagem de um presidente esvaziado, abandonado no último ano de seu difícil governo.

— Se fizermos uma projeção do nível de rejeição que o presidente Sarney conseguiu conquistar até

JULIO ALCANTARA



Sant'Anna com Hargreaves: ao menos 150 na bancada

agora, suas dificuldades vão aumentar cada dia mais neste ano eleitoral —, observa o senador Fernando Henrique Cardoso, um dos líderes do PSDB. Ele prevê que o Presidente só terá uma razoável base de apoio na Câmara e Senado, no próximo ano, se modificar radicalmente sua postura perante a classe política. "O que não acredito, pois tudo que faz é se chocar frontalmente com o Legislativo e com a Constituição".

A estratégia que será montada pelos governistas para garantir um último ano de governo sem maiores percalços ao Presidente, inclui a formação de um bloco de parlamentares amigos e fiéis, que nas votações mais difíceis, se encarregarão de mobilizar uma maioria que chegue a 244 votos necessários. Para o senador Alvaro Pacheco, esta "linha de frente" seria composta por 20 a 50 parlamentares, mas o líder Carlos Sant'Anna discorda e diz que este núcleo básico precisa ter pelo menos 150 nomes.

As negociações para a aglutinação do núcleo serão iniciadas por Carlos Sant'Anna já a partir do dia 15 de janeiro. "Temos que nos preparar logo, pois vamos ter problemas com a eleição da nova Mesa da Câmara e Senado, das lideranças dos partidos, com a convenção nacional do PMDB, isso tudo tendo como pano de fundo a sucessão presidencial", diz o líder.

O sucesso desta "linha de frente" no ano que vem, de

acordo com o deputado Carlos Sant'Anna, dependerá única e exclusivamente do combate à inflação. Se o Governo tiver êxito com as medidas que está procurando implementar, o líder prevê que o presidente Sarney poderá reconquistar até mesmo a popularidade que está hoje no fundo do fosso. "Aí pode até acontecer como em 1986, quando todos os candidatos brigavam para aparecer ao lado do Presidente". Mas se o contrário se confirmar, ele reconhece que será muito difícil para o Governo a convivência com o Legislativo.

## A FORÇA

Num momento particularmente ruim para Sarney — que já saboreou a sensação de presidente mais popular da História do País e amargou o dissabor de vaias e tentativas de pedradas no Rio de Janeiro —, não é difícil hoje enumerar os amigos que sairiam nesta "linha de frente". O senador João Meneses (PFL/PA) dá o perfil de seus futuros integrantes: têm de ser políticos eficientes, capazes de fazer a ponte entre o Executivo e o Legislativo, com um bom trânsito, para defender os programas do Governo.

Incluindo-se neste perfil, Meneses diz sem falsa modestia que tem se esforçado para mostrar a realidade aos seus colegas do Parlamento, "mas ninguém aceita esta realidade". Alertando que o presidente Sarney não poderá ficar alheio ao processo sucessó-

rio, o senador paraense diz que ele terá de se decidir se fica com o grupo político que quer o sossego e a tranquilidade nacional, ou com o "grupo do outro lado, que prega a greve, que tumultua o País", referindo-se aos partidos de esquerda.

Os amigos parlamentares do Presidente são unânimes na defesa da tese de que a responsabilidade da sustentação ao Governo se estende a todos os políticos, sob pena de se colocar em risco a transição democrática. O senador Edison Lobão chega a supor que todos que desejam a concretização desta transição, haverá de desejar também a estabilidade do governo Sarney. Com a instabilidade, diz, poderia promover o desconhecido e as próprias instituições ficariam em risco.

— Este apoio no Congresso até pode não ser dado de boa vontade, mas deverá acontecer por um estado de necessidade — observa Lobão.

## ESPAÇO À DIREITA

Um dos candidatos lembrados pelo PDS à Presidência da República, o ex-deputado Nelson Marchezan, diz ser claro que a base de sustentação do Presidente vem diminuindo "acentuada e perigosamente" nos últimos meses. "Como se trata de um ano eleitoral, sinto que esta falta de apoio parlamentar está sendo suprida parcialmente por outros segmentos da sociedade, que eu não preciso dizer quais são". Marchezan lembra que a situação do presidente Sarney é a mais difícil da história da Presidência da República no País.

Quanto ao fato de o presidente Sarney ter diminuído o seu poder de "articulação" pelo novo texto constitucional, principalmente com a inclusão do Congresso Nacional no processo de concessão de canais de rádio e televisão, o senador Edison Lobão não considera que seja um complicador a mais na formação da base de apoio. "O Presidente continua com poder de distribuir canais de rádio e TV. Ele vai propor e o Congresso vai aprovar".